

**Anarqueologia de um futuro passado:
reconhecimento de padrões como técnica de controle e fim do futuro**

*Anarcheology of a future past:
pattern recognition as control technique and future's end*

Marcio TELLES¹

Resumo

Dentro da epistemologia das sociedades de controle, o futuro deve ser temido, pois seu caráter inovador pode desestabilizar o status quo da ordem social. Na impossibilidade de evitá-lo, o futuro precisa ser pré-dito, analisado e interditado. Alia-se a tal ideia de risco o desenvolvimento de duas tecnologias que infraestruturam a ontologia digital: o banco de dados e o algoritmo que, vinculados, passam a estocar rastros dos usuários na Internet. A observação a partir do big data foca-se em fatores externos ao indivíduo e almeja antecipar comportamentos desviantes. Podemos chamar este modo de observação de reconhecimento de padrões. Tal técnica expressa o colapso do tempo cronológico em um espaço globalizado e a revolução do olhar: olhamos o presente, mas vemos o futuro. Se a arqueologia procura passados alternativos no passado, a anarqueologia deverá procurar por alternativas dentro do presente a este futuro cristalizado.

Palavras-chave: Algoritmos. Sociedade de Controle. Big Data. Infraestrutura.

Abstract

Within the epistemology of societies of control, future must be feared because its innovative character can destabilize status quo. Unable to be avoided, future must be forecasted and banned. Such idea goes along with the development of two technologies of today's digital ontology: database and algorithm. Both stocks traces of Internet users to further analysis. Observation from big data focuses on external factors and aims to foresee deviant behavior. We call this pattern recognition. This technique expresses both the collapse of clock time into global space and a revolution in looking: we look at the present, but we see the future. Thus, if Archaeology seeks alternative pasts, Anarchaeology should look for alternatives futures within the present.

Keywords: Algorithm. Database. Societies of Control. Digital Ontology.

¹ Doutorando em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marcio.telles@ufrgs.br

Introdução

No filme *Minority Report*, dirigido por Steven Spielberg inspirado em um conto do escritor norte-americano Philip K. Dick, Tom Cruise interpreta o oficial Anderton, uma das lideranças do programa-piloto do sistema Precrime, programado para evitar crimes, não apenas antes que eles aconteçam, também antes que eles sequer sejam planejados. Dick descreve o Precrime como “a pré-deteção profilática de criminosos” (ATKINSON, 2011, p.310). A ideia de profilaxia, o estudo das medidas preventivas para o bem-estar de uma população, aliada ao de crime equipara as ações dos homicidas com as de vírus mortíferos. Tem-se aí uma “biologização” do crime: a passagem de um problema do *socius* para o domínio da *bios*, antecipando a biopolítica foucaultiana.

Não existe nada mais infame que o vírus: seu estatuto mesmo de ser vivente é dúbio: ainda que uma “ética de liberação animal” almeje estender os direitos dos humanos aos animais não-humanos, ela jamais sonharia em permitir aos vírus os mesmos direitos básicos de subsistência. A profilaxia ocidental se organiza sob a diretriz de que não só podemos como devemos exterminá-los. Em *Minority Report*, este é o mesmo tratamento destinado aos homicidas: já que sabemos dos danos que causarão suas ações futuras, não devemos fazer todo o necessário para evitá-las? Como vírus em estágio de latência, os homicidas são deixados semivivos e isolados, hibernando até que sua pena seja cumprida. A exclusão humana do reino do vivo se dá através de avançadas tecnologias. *Techné* e *bios* se embrenham na necropolítica imaginada por Dick.

Já que é legítimo eliminar tanto homicidas quanto vírus antes que ambos reclamem vidas, a questão seguinte é saber quem deve ser eliminado. Na histórica, tal tarefa cabe aos *precogs*, autistas mutantes capazes de ver o futuro. Na versão em livro, os *precogs* descrevem o futuro e cabe a um contingente de analistas de dados verificar quais dos futuros descritos são mais prováveis de se atualizar. Aí, o humano normal (“nós”) atua como um *gatekeeper* a partir da análise de padrões de comportamento, um emaranhado analítico de “*big data*” com regras e vontades próprias. O humano é o canal: erros acontecem, mas a falha é sempre humana. Na versão em filme, o mecanismo é mais tecnófilo: as visões dos *precogs* são gravadas em arquivos de vídeo em supercomputadores avançados e então manipuladas, pausadas, reprisadas. O humano

é secundário: ele não precisa se inserir como mente ativa em busca da verdade, pois ela já está escondida dentro do vídeo. Para saber, basta ver: a revolução se passa no olhar.

São duas formas diferentes de investigação, ainda que ambas convirjam para um lugar comum: a padronização. Para descobrir o que vai acontecer antes que aconteça será preciso encontrar os padrões, as recorrências, o comum; para então tratar a anormalidade como o foco de observação. Se um homem encontra sua esposa na cama com outro homem, como na abertura do filme *Minority Report*, ele tem chances de matá-la: é um saber devido ao cruzamento de dados de vários bancos. Monta-se um diagrama de análise em que a subjetividade do indivíduo é apagada em favor de sua tipologia etiquetada (homem, branco, cisgênero, 40 anos, funcionário público, dados de violência à mulher, etc., etc.) para então avaliar se o futuro visto pelos *precogs* vai se realizar como previsto.

Como aponta Cheney-Lippold (2011), está em operação uma “nova identidade algorítmica”: uma formação identitária operacionalizada através de categorias matemáticas capazes de inferir indivíduos que, de outra forma, seriam anônimos e incognoscíveis. Através de modelos estatísticos, estes algoritmos são capazes de determinar gênero, classe social, raça, religião e preferência sexual, ao mesmo tempo em que definem os parâmetros de gênero, classe social, raça, religião e preferência sexual. Da mesma forma, podem identificar terroristas e assassinos, ao mesmo tempo em que criam o comportamento possível de um assassino e um terrorista – um interesse repentino por sites islâmicos e armas de fogo, digamos. A relação dinâmica desses algoritmos com o mundo exterior afetam automática e continuamente as oportunidades de vida de quem é “algoritmizado” (CHENEY-LIPPOLD, 2011, p.166). Em última instância, é o próprio algoritmo que cria o significado daquilo que observa: homem, mulher, terrorista, homicida. Essas categorias não são estanques: se um algoritmo tipificou certo comportamento como “feminino” e outro como “masculino”, o acesso a conteúdos respectivamente rotulados (*tags*) pode fazer uma identificação de gênero flutuar. Isso justifica a inclusão de indivíduos em listas de potenciais terroristas ou homicidas através da análise comportamental. Neste sentido, o futuro é limitado: nossos futuros alternativos estão reduzidos às identidades pré-fixadas construídas pelo algoritmo. Qualquer desvio das normas será aniquilado. Que os padrões sejam

múltiplos, e que eles sejam fluídos, não nos faz ignorar que eles sejam, em última análise, o que um padrão sempre foi: forma de controle.

Os agentes do Precrime efetivamente buscam por padrões de eventos que realizam determinados acontecimentos antes deles ocorrerem. Se as chances são altas para que tal futuro se concretize da maneira prevista, se intervém nele. O que gera a seguinte observação metafísica: se o futuro visto pelos *precogs* nunca está errado, há um profundo paradoxo quando intervimos nele para alterá-lo. Os *precogs* estão sempre certos e sempre errados ao mesmo tempo.

Não se trata apenas de ficção. O projeto *Hostil Intent*, desenvolvido por firmas norte-americanas de segurança, “procura descobrir pistas acerca do estado mental e das intenções futuras de indivíduos através da análise de traços comportamentais e fisiológicos, como microexpressões involuntárias do rosto” (BRUNO, 2013, p.43). Este mesmo mecanismo já é utilizado por agências de transporte norte-americanas em aeroportos, portos, rodovias, alfândegas, fronteiras, etc. O futuro imaginado por Dick já chegou.

Munidos do cruzamento entre bancos de dados, que gera um registro diagramático de certas situações possíveis de acontecer, e o arcabouço teórico dos Estudos Culturais, que analisa estes diagramas a fim de delimitar padrões de comportamento e suas excrescências, os fiscais de alfândega norte-americana, os operadores de *drones* e os caçadores de terroristas atuam como *precogs*: se uma ponte normalmente cheia de gente em Islamabad se esvazia de repente, isso pode significar que a população local sabe que alguém colocou uma bomba ali (CHAMAYOU, 2015, p.53). Eis aí a ritmanálise, a análise das modulações e dos ritmos de uma população usada contra ela própria. Eis aí, também, a previsão do futuro com base em dados do passado. Como nota Bruno (2013, p.43, grifo meu), “dentre os inúmeros problemas éticos colocados por essas formas de previsão, um dos mais antigos consiste no fato de os oráculos desse tipo não errarem jamais. *Pois não há futuro depois deles*”.

Tal tecnovidência não é exclusividade das ações militares, policiais ou alfandegárias. Anima as lojas de compra *online*, o Facebook e o Google, o mercado financeiro: a Amazon almeja enviar produtos para seus clientes antes mesmo deles saberem do que precisam; o Facebook aprimora dia-a-dia o algoritmo que cruza os *likes*

dos usuários com o que eles podem vir a curtir, afinando o direcionamento dos patrocínios (PARISER, 2011). As técnicas de prever o futuro estão por todo o lado.

Se o presente “cartesiano” era um que, adaptando a experiência do passado em vistas ao futuro, o sujeito era capaz de escolher entre as oportunidades, às vezes variegadas, outras vezes não, que o futuro lhe ofertava, hoje, é o próprio presente que “está rodeado por um futuro que não conseguimos mais ver, ter acesso ou escolher, e por um passado que não conseguimos deixar para trás” (GUMBRECHT, 2015, p.48). A criação de técnicas e tecnologias de registro de todo tipo de informação (e da transformação de coisas de todo tipo em informação), aliadas às técnicas e tecnologias de modelos estatísticos capazes de preverem o futuro, nos dão a impressão de vivermos em um “amplo presente” (GUMBRECHT, 2015).

Como se chegou a isso? Como desenvolvemos técnicas e tecnologias capazes de limitar o futuro? E como, a partir daí, não só queremos limitá-lo como assim desejamos, a ponto de liquidarmos pessoas ou oportunidades que nos apareçam como aterradores, assim como os agentes profiláticos dickianos, a fim de nos protegermos contra o risco que o futuro sempre traz consigo? Para responder a estas questões, é preciso verificar antes como achatamos o passado no presente, para então compreendemos como o futuro, hoje, é um avatar do perpétuo presente digital.

Passado do presente

Ao estudar a relação das psicopatologias com o tempo, Peter Pál Pelbart depara-se com o que chama de um “novo regime de temporalidade” a partir do desenvolvimento das tecnologias de telecomunicação:

As tecnologias do pós-guerra criaram um novo veículo, estático: a televisão. De propagação instantânea e indiferente à geografia, o audiovisual inaugurou um novo regime de temporalidade: a instantaneidade. [...] Fim das distâncias temporais e espaciais. A ordem agora é habitar a velocidade absoluta no instante contínuo da emissão. Instalados nessa instantaneidade, e privados do tempo e do espaço, assistimos à verdadeira desmaterialização tecnológica. (PELBART, 1993, p.33).

Pelbart descreve os pontos centrais daquilo que o teórico norte-americano Jason M. Adams (2014, loc. 1928-1929, tradução minha²) chama da “transição de uma temporalidade periódica para uma imediata”. A primeira característica dessa nova temporalidade é o colapso do tempo cronológico através do “achatamento do que antes era uma... multiplicidade de tempos localizados, especializados, em um espaço globalizado, temporalizado” (ADAMS, 2014, loc.163-165, tradução minha³).

Tal achatamento do tempo é o mesmo processo identificado por Benedict Anderson na arte sagrada europeia do medievo, em que Maria é representada como uma burguesa italiana (ANDERSON, 1983, p.22). Ainda que esta fosse uma estratégia para que os aldeões se identificassem com as pinturas, o “colapso do passado no presente” sugere a Anderson que “os cristãos medievais não tinham concepção da história enquanto uma cadeia interminável de causa e efeito ou da radical separação entre passado e presente” (ANDERSON, 1983, p.23, tradução minha⁴).

Da mesma maneira que os pintores medievais, hoje basta “ligar o rádio na estação que toca músicas mais contemporâneas e tudo que [iremos] encontrar não será nada diferente de qualquer coisa que [poderíamos] ter escutado nos anos 1990” (FISHER, 2013, tradução minha⁵). Isso leva ao paradoxo de que “tempo e estímulo estão sendo acelerados enquanto a experiência está sendo desacelerada” (BRENNAN, 2013, tradução minha⁶). Em um mundo instantâneo, ir para frente ou para trás não só é relativo, como desnecessário: o acesso fácil à memória cultural permitido pela internet, fez com que o tempo escapasse para os lados. Para Reynolds (2011), o tempo teria perdido profundidade e se tornado um grande plano, dispondo temporalidades díspares lado a lado, sem conseguir mais diferenciar entre passados distantes e presentes exóticos (CONTER; TELLES; ARAÚJO, 2015).

Por sua vez, o futuro não é mais como costumávamos imaginá-lo: aquilo que foi prometido não aconteceu. Nada de férias em Marte, de robôs-mordormos ou de

² No original: “was it transformed compositionally in the transition from periodic to immediate temporality”.

³ No original: “[...]it is undeniable that the flattening of what was once a rich multiplicity of localized, spatialized times into globalized, temporalized space is everywhere visible in its effects.”

⁴ No original: "Figuring the Virgin Mary with 'Semitic' features or 'first-century' costumes in the restoring spirit of the modern museum was unimaginable because the mediaeval Christian mind had no conception of history as an endless chain of cause and effect or of radical separations between past and present".

⁵ No original: "Tune the radio to the station playing the most contemporary music, and you will not encounter anything that you couldn't have heard in the 1990s".

⁶ No original: "[...] on how time and stimuli are being accelerated while experience is being decelerated".

teletransporte. Ápices tecnológicos futuristas, como o Concorde e o World Trade Center, sequer existem no XXI. A falta de “futuridade”, como chama Reynolds (2011, p.362, tradução minha⁷), “pode ser sentida na tessitura do dia-a-dia, na maneira como tomar banho ou fritar ovos não mudou ao longo de nossas vidas”. Após as gerações que, pelo menos desde os meados do XIX, assistiram a grandes avanços ao longo de suas vidas, culminando com a chegada do homem à Lua, a geração do fim do XXI vive em um mundo em que a própria ideia de futuro encontra-se sob suspeita. Guerras, aquecimento global, maremotos cataclísmicos, terrorismo: a sensação é que, de fato, vivemos nos fins dos tempos (STENGERS, 2015)

O nosso futuro – o futuro do presente – possui cenários ameaçadores; seara onde se esbalda a ficção científica escatológica, de *Wall-E* a *Interstellar*. Encaramos o prospecto aterrador de um desastre climático, que tem sido descrito “como um *processo* de degradação já iniciado, extremamente intenso, crescentemente acelerado e sob muitos aspectos irreversível, das condições ambientais que presidiram à vida humana durante o Holoceno⁸” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.13, ênfase no original), procurando, “na melhor das hipóteses, ganhar tempo” (GUMBRECHT, 2015, p.66). Tempo é o que não nos resta, pois uma das características desta época é que o tempo está fora do eixo:

de algum tempo para cá, é o próprio tempo, como dimensão de manifestação da mudança... que parece estar, não apenas se acelerando, mas mudando qualitativamente ‘o tempo todo’... e tudo o que deve ser feito a respeito disso é necessariamente muito pouco, e tarde demais – *too little, too late* (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.19).

Tal estado de coisas estaria a levar a humanidade àquilo que Isabelle Stengers (2015) chama de *barbárie por vir*, a existência sórdida “medieval” advinda dos escombros de outra grande civilização, desta vez a nossa, Ocidental.

Este olhar, que é também o da cultura popular, é o do copo meio vazio: talvez nunca tenhamos vivido tanto e tão bem, de forma que mesmo os miseráveis do mundo possuam uma expectativa (sofrida) de vida. As atuais tecnologias permitiram à

⁷ No original: “But the absence of futuristic-ness is felt equally in the fabric of daily life, in the way that the experience of cooking an egg or taking a shower hasn’t changed in our lifetime.”

⁸ Época do período Quaternário que sucede o Pleistoceno, a partir de 11700 anos AP.

população terrestre inflar até os quase oito bilhões de pessoas – por mais que seja insustentável para o planeta, um feito e tanto. Na medicina, novas técnicas cirúrgicas, novos medicamentos, o sequenciamento do genoma humano, as células-tronco e os bebês de proveta estão a abrir fronteiras. As transformações mais visíveis ocorreram na computação e na comunicação, permeando o nosso dia-a-dia: *tablets*, *smartphones* e *laptops* são itens tão obrigatórios quanto rádios a pilha e televisores eram para as gerações passadas. Todos possuem em comum a miniaturização, um feito tão impressionante quanto naves espaciais e robôs gigantes, apesar da promessa de uma nanotecnologia ainda estar distante. A questão, talvez, seja que “o micro parece muito menos impressionante que o macro” (REYNOLDS, 2011, p.364, tradução minha⁹). Olhemos, também, para o tipo de coisa que fazemos com essas tecnologias: o sequenciamento do DNA nos permitiu descobrirmos qual a probabilidade de desenvolvermos certos tipos de câncer ao longo de nossas vidas, mas ainda não nos permitiu escolher a cor dos olhos de nossos filhos ou se eles serão excelentes pianistas ou velocistas. Com as microtecnologias de comunicação, documentamos nossa vida, conversamos com nossos amigos, vemos filmes e lemos livros, jogamos videogames e focamos sobre celebridades. Nada extraordinariamente inédito e tão impressionante quanto pilotar uma nave espacial à velocidade da luz.

Temos na boca este gosto amargo de que o futuro veio e passou: em um dos anúncios veiculados na década de 1990 pela AT&T dentro da campanha YOU WILL, um jovem executivo se conecta a uma videoconferência a partir do que parece ser uma cabana na beira do mar. “Alguma vez estive em uma reunião descalço? Estarás. E a empresa que tornará possível será... AT&T” (DERY, 1998, p.20). Por certo, podemos hoje trabalhar do *home office* de bermudas de frente ao mar, mas a realidade de um mundo conectado 24/7 através da alta tecnologia não diminuiu a carga de trabalho, ao contrário, a aumentou. Na era do tecnocapitalismo, “o País do Amanhã do ócio eterno que se supunha que chegaria com as maravilhas tecnológicas passou, suplantado por um futuro corporativo em que sempre estamos correndo atrás, em movimento perpétuo, com pressa demais” (DERY, 1998, p.20, tradução minha¹⁰). A impressão é que para

⁹ No original: “Trouble is, micro looks so much less impressive than macro.”

¹⁰ No original: “Pero el País del Mañana de ocio eterno que se suponía que iba a llegar con estas maravillas ya ha pasado, suplantado por un futuro corporativo en el que siempre estamos pendientes del

aqueles com menos de 40 anos não foram prometidos carros voadores, mas uma distopia tecnocorporativa.

Futurofobia

Em *Next Now: Trends for the Future*, publicado em 2006, os *cool hunters* Marian Salzman e Ira Matathia profetizam wikis, *blogging*, chefs celebridades, *porn food*, *branding*, privatização dos espaços públicos, privação de sono, prolongamento da adolescência até os trinta anos, namoro virtual e declínio da monogamia como as próximas manias. O futuro parece teimosamente insistir que será mais do mesmo. “Nós temos a sensação inescapável de que o futuro abriga apenas reiteração e repermatação” (SHAVIRO, 2010, p.89, tradução minha¹¹). Ele não está mais aberto.

Como consequência, agora buscamos armazenar o futuro na memória do computador, através de análises de risco, mercado de derivativos, predição que é quase prestidigitação. O paralelo com o capitalismo não é gratuito. Como Shaviro coloca,

O capitalismo sempre dependeu da extensão do crédito cada vez mais veloz, que é uma maneira de monetização – e portanto de apropriação e acumulação – do futuro. Nos últimos vinte anos ou mais, esse acúmulo do futuro chegou a níveis sem precedentes, graças à maneira como instrumentos financeiros como derivativos objetificaram e quantificaram [...] o ‘risco’ em geral, compreendido como *a soma de todas incertezas sobre o futuro* (SHAVIRO, 2010, p.33, grifo e tradução minhas¹²).

O futuro é entendido, dentro desta moldura, como a soma de várias incertezas. É um risco, entendido como “a probabilidade de um evento ocorrer, tendo em vista um certo conjunto de ações que se dão no presente” (BRUNO, 2013, p.37-8), acoplado ao conhecimento acumulado sobre o passado, este inscrito na memória das máquinas. É isso que faz das ações dos policiais de *Minority Report* atitudes profiláticas, pois, ao

busca y en perpetuo movimiento, com demasiada prisa como para preguntar por una calle o para frenar y pagar el peaje”.

¹¹ No original: "We have an inescapable sense that the future harbours only reiteration and repermuation".

¹² No original: "Capitalism has always depended upon the ever-accelerating extension of credit, which is a way of monetising – and therefore appropriating and accumulating – the future itself. In the last twenty years or so, this stockpiling of the future has reached unprecedented levels, thanks to the way that financial instruments like derivatives have objectified and quantified – and thereby ‘priced, sold, and circulated’ – ‘risk’ in general, understood as the sum of all uncertainties about the future."

identificar-se o risco de desenvolver uma doença no futuro, “identifica-se num mesmo movimento as ações... que poderiam evitar o aparecimento desta doença” (idem, p.38). Desta forma, o sofrimento futuro está atrelado não só às atitudes tomadas no presente, como é dele dependente. Futuro e presente se chocam com a força de um imperativo: faça tal coisa, e a probabilidade disto decorrer é x por cento.

Essa noção de risco que sai das companhias de seguro e passa a ser entendido como uma forma de antropológica, de cultivo de si (você jamais poderá afirmar desconhecimento quando seu médico lhe diagnosticar com diabetes, após uma vida de vício em refrigerantes). É a partir da gestão das nossas escolhas no presente que evitaremos sofrimentos no futuro: nos controlamos no presente para sermos controlados no futuro. Esta é justamente a passagem que Deleuze (2013) identifica entre uma sociedade disciplinar, que pune e circunscreve os corpos dos desviantes na escola, no quartel e na fábrica, e uma sociedade do controle, que delega a gestão do corpo ao próprio indivíduo. Esta administração de escolha é consistente com as formas liberais de governo: corporações, grupos e indivíduos, ao mesmo tempo em que cuidam de si mesmos (pois são *livres* em sentido randiano), devem também flexibilizarem-se, devendo inovadores, ágeis e criativos “assim como os sistemas biológicos complexos que sobrevivem com sucesso na natureza” (VANDENBERGHE, 2008, p.882, tradução minha¹³).

A fim de obter conhecimento cada vez mais perfeito sobre o risco, procura-se incessantemente por novas tecnologias e novas técnicas capazes de prever com maior grau de perfeição o futuro. O futuro, todavia, insiste em lhes escapar por entre os dedos, os desígnios de um Aion demasiado cruel. Tal impossibilidade “dá origem tanto a um sentimento de fracasso quanto a um renovado sentimento de que um número maior destes dispositivos irá funcionar onde poucos não funcionam” (ERICSON; HAGGERTY apud BRUNO, 2013, p.39). É o paradoxo dickiano: as técnicas de prever o futuro estão certas e erradas ao mesmo tempo, pois o próprio processo de interagir no futuro afeta tais desenvolvimentos. Só não seria assim se existisse destino – algo que a cultura cristã é incapaz de admitir – e se o futuro já estivesse escrito de antemão: futuro do pretérito.

¹³ No original: “[G]roups and individuals must become flexible and fluid, transformative and innovative, agile and nimble like complex biological systems that successfully survive in nature”.

Todavia, a nova mentalidade que aos poucos vem dominando o Ocidente suplanta o livre-arbítrio cristão, ainda que admita o contrário. Para as *startups* e seus criativos, estamos sempre correndo atrás de um futuro que já passou. A informática sempre trouxe consigo um “ideal de abolição do tempo” (PELBART, 1993, p.33), com possíveis consequências desastrosas. Afinal, na tecnocultura de molde californiano, anseia-se pela

informação total, a memória absoluta que [possa] não só prever um acontecimento, mas reagir a ele antecipando-se a seu advento, neutralizando-o. É evidente: o que já é conhecido de antemão não pode ser experimentado como acontecimento. O futuro aí está completamente determinado. A tal ponto que, no limite, o que vem depois do ponto de vista de uma cronologia linear, já vem antes, antes mesmo do presente, do ponto de vista tecnológico. O futuro antecede o próprio presente, na medida em que está estocado na memória do computador (PELBART, 1993, p.33).

Estocar o futuro no presente implica que o *status quo* é inescapável. Thatcher estava certa: não há alternativa ao capitalismo. Não há alternativa a nada, a bem dizer, pois qualquer coisa que divirja do conhecido é compreendida como risco e ativamente eliminada. Voltamos a uma das questões iniciais levantadas por *Minority Report*: é preciso descobrir as regularidades para encontrar aquilo que rompe com o cotidiano e então eliminá-lo. A ausência de futuro já nos é cotidiana.

Aniquilar o futuro

Em um livro recente, o filósofo francês Grégoire Chamayou (2015) apresenta seis princípios comunicacionais sobre os quais constrói uma “Teoria do Drone”. Um destes princípios é o “do arquivamento total ou do filme de todas as vidas”: a vigilância óptica do drone se redobra enquanto função de gravação e de arquivamento (CHAMAYOU, 2015, p.49). A ideia por trás desse princípio é filmar uma área do tamanho de uma cidade para poder então seguir os deslocamentos de todos os veículos e pessoas que lá se encontram. Como John Anderton, o personagem de Tom Cruise em *Minority Report*,

Depois de realizado, esse filme de todas as vidas e de todas as coisas poderia ser repassado milhares de vezes, focalizando cada vez um personagem diferente, aproximando dele para rever a história a partir de sua escala. Seria possível escolher trechos, voltar, rever ou adiantar as cenas. Navegar a bel-prazer, não só no espaço, mas também no tempo (CHAMAYOU, 2015, p.49).

O objetivo é que este arquivamento total possa garantir, antecipadamente, uma espécie de “rastreadabilidade retrospectiva”, uma genealogia de toda gênese – o sonho de um onividente deus louco. De posso do passado do presente, poder-se-ia chegar a um futuro do passado: o padrão do itinerário, das relações, do dia-a-dia do homem-bomba que explodiu *de facto* serve para evitar os novos homens-bombas. Vigiar e punir torna-se vigiar e aniquilar (o futuro); e também vigiar e arquivar.

Escrevendo ainda nos anos 1990, antes do boom da informática pessoal e dos drones, Derrida (2001) chamou de “febre do arquivo” o desejo de acumular tudo não para usufruir, mas para possuir (quem detém o arquivo detém o poder). Uma das características principais da internet é justamente a circulação de todo tipo de arquivos transformados em *commodities*. Alguns dos mais acessados sites são arquivos: de vídeos (Youtube), de fotos (Instagram), de pessoas (Facebook) – coleções que aumentam exponencialmente todos os dias. Existiria, segundo Manovich (2001), uma “databasização” da sociedade atual, que planeja levar a “febre do arquivo” a novos precedentes, coletando dados sobre tudo e todos e estocando-os na memória do computador.

Como bem sabem os analistas de câmeras de segurança, a quantidade de material registrado torna o controle impossível (CHENEY-LIPPOLD, 2011, p.176). Somente em 2009, os drones americanos geraram o equivalente a 24 anos de gravação em vídeo (CHAMAYOU, 2015, p.50). A avalanche de dados torna a informação inexplorável na prática. Para remediar tal problema, o Pentágono tem se utilizado de técnicas empregadas na teletransmissão de futebol:

Em cada partida, dezenas de câmeras filmam os jogadores em seus mínimos detalhes. Cada sequência é instantaneamente indexada em uma base de dados. Por meio de um software de alta performance, o realizador pode, ao mesmo tempo que as estatísticas são exibidas na tela, repassar qualquer ação de qualquer jogo sob diferentes ângulos (CHAMAYOU, 2015, p.50).

A próxima etapa tecnológica seria automatizar a indexação das imagens. Para tanto, seria necessário desenvolver softwares capazes de traduzir coleções de pixels em substantivos e verbos. O combate ao terrorismo em breve será o trabalho de autômatos notatários: operando sob um “sistema de notação” que tudo ouve, lê e vê e simultaneamente anota, os *precogs* automatizados indicarão aos Anderton do futuro aonde ir e pelo que procurar. O futuro do humano será o futuro da máquina. O desejo californiano de prever o futuro será alcançado através de um conhecimento total do passado armazenado em dispositivos de alta tecnologia: “por meio da identificação das regularidades e antecipação das recorrências, se pretende conseguir de uma só vez prever o futuro e modificar seu curso por uma ação preemptiva” (CHAMAYOU, 2015, pp.53-4).

O conjunto massivo de dados coletados a cada segundo, em quantidade cada vez maior assim que as “coisas” vão se conectando a Internet, permanece, em sua maior parte, “crus”. Para que seja possível analisá-los, é preciso aprender a abstrair sentido de tabelas, formulários e gráficos. Como os seres de quatro dimensões de Kurt Vonnegut em *Matadouro 5*, ao olharmos para uma imagem capturada por um *drone* no presente, vemos o futuro com dados do passado. O achatamento torna-se total: do passado no presente, do futuro no passado. Talvez se esteja a experimentar uma nova mudança paradigmática do olhar mais do que da inteligência.

Considerações finais

O cenário distópico que pintei ao longo deste ensaio não é improvável ou ficcional, mas inscrito nas probabilidades maquínicas. Como afirma Mark Dery (2012, pp.2-3) em um recente ensaio, é tarefa do escritor “pensar maus pensamentos”, recusando-se a reconhecer zonas de exclusão intelectuais, assim desafiando as premissas das ficções oficiais e dos mitos populares. O mito de que estamos caminhando, alegremente, para um mundo em que a “Internet das coisas” será o ápice da felicidade humana, com seu *big data* arquivado para uma experiência de vida individual e “completa”, precisa ser demolido. Tudo indica que o inverso é verdadeiro: mais vigilância, mais controle, menos futuro.

O leitor pode achar curioso que um texto sobre o futuro se proponha arqueológico. Talvez o seja. Mas uma anarquia arqueológica não poderia deixar de radicalizar essa questão: se a arqueologia perfura em direção ao passado buscando indícios que recoloquem o passado em perspectiva, quer dizer, atrás do *novo*, é preciso que retomemos o futuro como abertura: que perfuremos em direção do futuro, a fim que ele volte a ser não programado na memória dos computadores. Que ele volte a ser novo de novo. Esta é a proposta de uma *anarqueologia* de um futuro que se esqueceu de ser vivido. É preciso que o redescubramos.

Referências

ADAMS, James M. **Occupy time: technoculture, immediacy, and resistance after occupy wall street**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014. Kindle Edition. DOI: 10.1057/9781137275592.

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**. Londres: Verso, 1983.

ATKINSON, Paul. I know what you did next summer. *In*: WITTKOWER, D. **Philip K. Dick and Philosophy**. Chicago: Open Court, 2011.

BRENNAN, Eugene. "**Debate is idiot distraction**": accelerationism and the politics of the Internet. Disponível em: <http://www.3ammagazine.com/3am/debate-is-idiot-distraction-accelerationism-and-the-politics-of-the-internet>. Acessado em: 5 de agosto de 2014.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CHENEY-LIPOLD, Jerry. A new algorithmic identity: soft biopolitics and the modulation of control. **Theory, culture & society**, v.28, n.6, 2011, p.164-181.

CONTER, Marcelo B.; TELLES, Marcio; ARAUJO, André C. S. O Revirtual: a memória da memória da cultura pop. *In*: SÁ, S.P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. (Org.). **Cultura Pop: livro Compós 2015**. Salvador: EDUFBA, 2015, pp. 93-106.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Trad. Peter Pál Pelbart. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

DERY, Mark. **Velocidad de escape**: la cibercultura en el final del siglo. Madri: Ed. Siruela, 1998.

_____. **I must not think bad thoughts**: drive-by essays on american dread, american dreams. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 2012.

FISHER, Mark. “**A social and psychic revolution of almost inconceivable magnitude**”: Popular Culture’s Interrupted Accelerationist Dreams. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/%E2%80%9Ca-social-and-psychic-revolution-of-almost-inconceivable-magnitude%E2%80%9D-popular-culture%E2%80%99s-interrupted-accelerationist-dreams>. Acessado em: 26 de agosto de 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. Trad. Ana Isabel Soares. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

PARISER, Eli. **The filter bubble**: what the Internet is hiding from you. Londres: Penguin Books, 2011.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo rei**: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

REYNOLDS, Simon. **Retromania**: pop culture's addiction to its own past. New York: Faber and Faber, 2011.

SHAVIRO, Steven. **The post-cinematic affect** [2010]. Disponível em: <http://www.film-philosophy.com/index.php/f-p/article/view/220>. Acessado 15 de julho de 2012.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VANDENBERGHE, Fredric. Deleuzian capitalism. **Philosophy & social criticism**, v.34, n.8, 2008, p. 877–903.